



Eu, mulher negra, resisto: incidências identitárias na poesia de Alzira Rufino

I, a Black Woman, Resist: *Identity Incidences in the Poetry of Alzira Rufino*

Ana Rosária Soares da Silva

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais/ Brasil

anarosaria@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-9784-9788>

Resumo: Discutir as incidências identitárias na poesia de Alzira Rufino em alguns poemas da obra: *Eu, mulher negra, resisto*, como escrita de validação das vozes negras femininas nas lutas e conquistas de gênero e de raça afirmando suas identidades nos diversos espaços para suas representações. Objetivando, assim, por meio da literatura, propor o combate e enfrentamento baseados na escrita que constrói significação e existência para o sujeito negro feminino num contexto social hegemônico, racista excludente. Na perspectiva da análise, este artigo se ancora nos teóricos que estudam o tema, como: Cuti (2010), Duarte (2009), Cândido (2004), bem como nos estudos feministas de Gonzalez (1988), hooks (2019), Ribeiro (2019), e ainda, Munanga (2006), Lugones (2007), debruçando-se nas obras de Rufino (1988, 2010, 2005), dentre outros importantes para as análises que configuram a identidade negra feminina na literatura brasileira.

Palavras-chave: incidências identitárias; Alzira Rufino; poesia; identidade; literatura brasileira.

Abstract: Discuss the identity incidences in the poetry of Alzira Rufino in some poems of the work: *Eu, mulher negra, resisto*, as validation writing of black female voices in the struggles and achievements of gender and race affirming their identities in the various spaces for their representations. Thus, aiming, through literature, to propose combat and confrontation based on writing that builds meaning and existence for the black female subject in a hegemonic social context, excluding racist. From the perspective of the analysis, this article is anchored in the theorists who study the theme, such as: Cuti (2010), Duarte (2009), Cândido (2004), as well as in the feminist studies of Gonzalez (1988), hooks (2019), Ribeiro (2017), and also, Munanga (2006), Lugones (2007), looking at the works of Rufino (1988, 2010, 2005), among other important for the analyses that configure the black female identity in Brazilian literature.

Keywords: Identity incidences; Alzira Rufino; Poetry; Identity; Brazilian literature.

Introdução

Poeta, escritora, Alzira Rufino é considerada na literatura brasileira uma expoente contra o racismo que por meio da literatura fala em favor da autoestima e valorização do povo preto brasileiro. A autora, em suas obras, persegue a valorização das religiões afro-brasileiras, se engajando na constante luta contra a opressão, discriminação e preconceitos contra a figura negra feminina tanto no território literário quanto na sua presença social, política, cultural e de gênero.

Construindo seus argumentos num viés problematizado pela condição das mulheres negras, a autora desconstrói discursos oficiais que ainda estigmatizam o povo negro em decorrência do longo e doloroso processo de colonização. Nesse sentido, Alzira Rufino expõe seu inconformismo quanto ao tratamento dispensado principalmente às mulheres negras, concebidas historicamente como sujeitos subalternos tanto social quanto sexualmente.

Mary Del Priore (2013, p. 12), sobre essa condição da mulher no imaginário popular, afirma:

A mulher, só teria papel benéfico neste processo [histórico] dentro do casamento e enquanto cumprisse o papel de mãe. Ao fugir da benfazeja esfera da vida privada ou, ao usurpar o poder político como faziam as adúlteras e as feiticeiras, elas tornavam-se um mal.

Não obstante, quando se trata da mulher negra esses papéis são ainda mais desqualificados e subalternizados. Nessas circunstâncias, Djamila Ribeiro (2019, p. 36) alerta:

Para desneutralizar o olhar condicionado que subalterniza o sujeito em razão de sua cor, é preciso criar espaços que as pessoas negras possam acessar”. Isso, porém se dá a partir da denúncia sobre a expropriação e apropriação históricas do colonizador.

Alzira Rufino, desse modo, discute insistentemente o desejo de enfrentamento, escavando em sua própria história reverberações para uma autodefinição que valorize a sua consciência e sua concepção de *sujeito*, promovendo, do seu ponto de vista, outras formas de resistência contra os sistemas de dominação.

A literatura, dessa maneira, é o lugar de propriedade em que a autora encontra regozijo para representar-se e ir contra as definições elaboradas no percurso histórico dominante que preestabeleceu os critérios de exclusão, desigualdades e os preconceitos contra a raça e o gênero feminino negro, especificamente.

Ademais, conforme analisa Candido (2004), a literatura é um instrumento de auxílio para o indivíduo superar a condição de opressão a qual o sistema colonial capitalista o submeteu. Nesse sentido, a arte da palavra de cunho lírico de Alzira Rufino como objeto de identidade é também representação de seu povo e sua cultura negra feminina.

Assim, no pensamento de Collins (2002, p. 32),

A necessidade premente de falarmos de mulheres negras se dá por estas se encontrarem, historicamente, na base da pirâmide social, alimentando o capitalismo com sua força de trabalho e sofrendo com a opressão racial e de gênero. Ao mesmo tempo, a invisibilização destas mulheres cria o vácuo do silenciamento sobre tais opressões, perpetuando o ciclo devastador da animalização e objetificação dos corpos negros, em especial, femininos.

Partindo dessas queixas, tem-se a perspectiva de analisar alguns poemas da obra *Eu, mulher negra, resisto*, pelo viés da identidade e da representação negra feminina no pensamento e na literatura de Alzira Rufino. Desse modo, cabe aqui reforçar que por muito tempo as mulheres ocupam posições marginais nos contextos da vida e da história, tendo, por séculos, suas vozes silenciadas. Para as mulheres negras, mais acirradamente, esse emudecimento foi contínuo e cruel, fazendo delas coisas ou objetos, representadas, apenas como corpos criados para o trabalho ou para a atividade sexual, o que ainda acontece na atualidade de forma velada ou não.

Identidade e sujeito feminino negro

Não é de hoje que as mulheres negras escrevem. No que se refere à literatura afro-brasileira feita por mulheres negras, é preciso destacar que as concepções que essas mulheres têm de si mesmas são de suprema importância para as significações de suas subjetividades e para as conquistas de espaços importantes que as constituem sujeitos negros femininos validando e afirmando suas identidades.

Djamila Ribeiro (2019) fala sobre a oportunidade da ampliação das lutas de mulheres negras em falarem e serem ouvidas. A autora afirma que é exatamente o *locus* social que o lugar de fala discute, propondo que as pessoas passem a existir no mundo de acordo com suas experiências em comum.

Tratando, portanto, o racismo como uma problemática social, Rufino por meio de sua poesia realiza atitudes para combater e transformar o perverso sistema colonial que estrutura as condições desiguais na sociedade brasileira. Nesse mesmo posicionamento, Dalcastagnè (2014) afirma que a literatura abre espaços para diferentes perspectivas discursivas por vias literárias. Até porque, numa escrita onde há espaços para o sujeito dizer sobre si e sobre o mundo, ele se faz visível dentro dele.

Desse modo, é na escrita que Rufino encontra sustentação para enfrentar a subalternidade da raça e do gênero. Libertando, assim, a palavra engasgada na garganta, colonizada pelo processo histórico de sua ancestralidade e das mulheres negras do passado e do presente, tanto no sentimento de identidade, quanto nos desejos libertários dos seus corpos negros marginalizados.

A autora, na obra poética em debate, é a mão que arranca a mordança do silêncio. Ademais, para Cuti (2010, p. 13), “a literatura é um fazer humano”. E segundo Paz (2012), ao proferir a palavra poética originária de suas dores, saudades, ou paixões, o indivíduo se recria.

Nesse aspecto, a escrita negra feminina, segundo a também escritora e poeta negra Conceição Evaristo (2005, p. 205),

Busca inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vívido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, a mulher e negra.

Nessa mesma discussão, segundo Munanga (2006, p. 44), “a identidade consiste exatamente em assumir plenamente com orgulho, a condição do negro em dizer de cabeça erguida: sou negro”. Desse modo, é de cabeça erguida que Alzira Rufino diz-se uma mulher negra despojada do preconceito para afirmar-se enquanto escritora, militante da causa preta, construindo seu sujeito negro poético por meio da literatura.

Falar, portanto, de sujeito, segundo Bhabha (1996), significa falar da constituição desses sujeitos culturais e híbridos. Assim, a escrita deste artigo situa-se nas letras faladas de Alzira Rufino, trazendo a perspectiva da identidade e da representação da mulher negra por meio da palavra poética. Isso posto, Paz (2012, p. 56) esclarece: “a palavra é o próprio homem. Somos feitos de palavras. Elas são nossa única realidade ou, pelo menos, o único testemunho de nossa realidade”.

Entendendo, assim, que a identidade, conforme Hall (2000) argumenta sobre a diversidade das experiências tanto de mulheres quanto de homens nos diferentes pontos de vista, ela também busca demarcar lugares de falas e territórios possíveis de ocupação para esses sujeitos. Esse foco é exercitado nos discursos da autora à medida que ela manifesta na literatura suas experiências, proporcionando ao leitor outros olhares sobre suas realidades para as ocupações dos seus lugares identitários.

A literatura, nesse sentido, exerce funções importantes no levantar da memória individual e coletiva como ferramentas de ressignificação. Visto que, Cândido (2004, p. 175) afirma: “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. É, pois, no propósito de combater e denunciar o não lugar da escritura negra feminina e afirmar a identidade desta mulher negra que Rufino se propõe ao embate social e político para ocupar um lugar de fala e representação que historicamente foram negados ao povo negro, em especial à mulher negra desde sua subjugação pelo regime colonial, machista, racista e classista.

Ocupar, portanto, um lugar de fala, nas palavras de Ribeiro (2019, p. 64) “consiste em uma das maneiras que os grupos historicamente marginalizados refutam a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes, e conseqüentemente, a hierarquia social”.

Em vista disso, a autora desempenha papel fundamental para a literatura negra feminina e afro-brasileira. Reverenciando sua ancestralidade, por meio de uma escrita rebelde e transgressora, ela se manifesta contra a opressão colonizadora, reafirmando seu território de mulher negra e intelectual, ao mesmo tempo, que abre caminhos de luta para a população negra.

Incidências identitárias na poesia de Alzira Rufino

Alzira Rufino prioriza discursos que renomeiam o povo negro em busca de sua significação numa sociedade excludente, que ao mesmo tempo, camufla o preconceito racial. Além de promover por meio da palavra poética uma ressignificação para esses sujeitos, a autora promove também sua rebeldia no desejo de um lugar de representação.

Com isso, Rufino elabora estratégias de reversão da condição fragilizada da mulher negra escavando na construção e constituição da história uma redefinição para suas identidades, desmantelando, assim, estereótipos e lugares preestabelecidos para os negros/negras.

Conforme Conceição Evaristo (2005, p. 52), “a representação literária da mulher negra ainda está ancorada nas imagens de seu passado escravo”. Passado esse, que criou a concepção do seu corpo como veículo de procriação e corpo-objeto de prazer masculino, o que determinou estereótipos subalternos desde o período da literatura colonial.

[...] as escritoras negras têm urgência em inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. (Evaristo, 2005, p. 53)

Desse modo, nas palavras de Cuti (2010), a escrita negra e feminina busca além da desmistificação do estereótipo negro, uma escrita de ressignificação da identidade dessa mulher e do representar-se negra na sociedade brasileira. O que não é comumente percebido, uma vez que a literatura brasileira ao longo dos tempos tratou de excluir autores negros do cânone, no qual, o negro foi marcado por perspectivas internas de autores brancos, aparecendo, na literatura muito mais como tema do que como voz autoral. Quando se trata, da voz feminina negra, essa condição é mais subalternizada, posto que, para Duarte (2011),

Ser mulher e escritora no Brasil é romper com o silêncio, a “não-fala”, é transpor os espaços que definem procederes e funções preestabelecidas, é ir contra a situação de injustiça, submissão e abuso diverso desfavorável à mulher. O feminismo vem bradando há muitos

séculos – a partir do XVIII, no mínimo –, às vezes, de modo tímido, outras, em alto e bom tom. (Duarte, 2011, 33)

Alzira Rufino, portanto, exercendo o poder da palavra escrita, entende, que o comprometimento com a construção e estabelecimento da identidade só poderão ser alcançados quando essas mulheres se rebelam contra as opressões e as espoliações sofridas desde a origem escravocrata. A autora, dessa forma, rasga o véu do silêncio quando fala para seus iguais (Rufino, 1988).

Assim, Rufino, sugere como proposta de sua poesia, servir como porta voz dos anseios da comunidade negra que teve sua fala silenciada pelo colonizador. Rufino, em sua escrita, aponta seu comprometimento com a representação do negro/negra nos diversos espaços de fala. Cabendo, nesse sentido, citarmos hooks (2019) asseverando que:

Fazer a transcrição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. (hooks, 2019, p. 38)

Nessa esteira, no poema *Resisto*, Alzira Rufino num autoquestionamento se interpela porque tem medo? Retirando a fala do silêncio imposto, a autora cria possibilidade de um novo crescimento enquanto mulher, enquanto negra. Questionando também o porquê da própria história ser a responsável pelo medo estabelecido como morada na existência do sujeito negro marginalizado. Vejamos a seguir:

Resisto

De onde vem este medo?

sou

sem mistério existo

busco gestos

de parecer

atando os feitos

que me contam

grito

de onde vem

esta vergonha

sobre mim?

Eu, mulher, negra,
RESISTO.
(Rufino, 1988, p. 14)

O poema acima aponta um discurso em que o eu lírico questiona a base do seu medo, de onde ele vem, por que ele existe? A categoria do discurso da autora nos versos são também de apropriação identitária, ao ponto que ela demonstra sua rebeldia, por não aceitar a composição social subalterna que a coloca no mundo. *De onde vem essa vergonha de mim?*

Ao passo em que a autora questiona, ela também responde nos versos com autoafirmação de sua figura feminina negra, buscando gestos na escrita, contando gritos no desejo de não mais sentir vergonha de sua imagem. É na resistência, porém, que Alzira Rufino encontra significação. Reconhecendo-se, portanto, como resistente, a autora cria estratégias de enfrentamento contra as ideologias imperialistas.

A literatura negra feminina, vista por esse prima, é então a apropriação da mulher negra dos artifícios de reinvidicação do seu lugar de fala, é usar a sua voz desconstruindo a lei da submissão. Nesse sentido, Cuti (2010, p. 47) esclarece:

As vozes literárias negras e femininas, destituídas de submissão, assenhoram-se da escrita para forjar uma estética textual em que se (re)inventam a si e a outros que se contam nos mesmos repertórios e eventos histórico-culturais negros.

Cuti (2010, p. 48), ainda analisa que “falar e ser ouvido é um ato de poder”. Nessa mesma discussão, Sartre (2004, p. 20) vem nos dizer que: “falar é agir, é conduta de um indivíduo representar-se, é como ele se revela, como ele se vê”. Comungando, conquanto, com esse mesmo pensamento, Ribeiro (2019) analisa que o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir.

Para Djamila Ribeiro (2017),

O lugar de fala serve para refutar a historiografia tradicional e a hierarquização dos saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. (Ribeiro, 2019, p. 66)

Desse modo, o pensamento de Rufino é questionador e contundente, engajado e político marcado pelo discurso da fala do corpo negro. E nessa representação, a autora reflete:

Apesar dos ventos e chuvas fortes da discriminação, apesar da fria desigualdade de oportunidades vividas nesses anos, nossa força não pode ser apenas um discurso, temos pouco a comemorar e muito que fazer. (Rufino, 2005, p. 43)

Na concepção da autora, o apagamento social e de gênero da mulher negra é uma epidemia “que desconhece classes sociais” (Rufino, 2010, p. 28). Por isso, Rufino participa de forma decisiva da construção da agenda feminista por uma política pluralista e multirracial, evocando a sociedade para um novo entendimento da mulher a respeito de si mesma, exigindo reiteração de uma posição afirmativa em busca da criação de um novo discurso. Esse novo discurso, porém parte do reconhecimento da mulher negra sobre sua identidade, sobre sua representação negra feminina num contexto excludente que pode e deve ser desfeito.

Posto que, Rufino (2010) reflete:

A nossa gente precisa se apropriar e colocar em prática a sua capacidade intelectual. Pessoas que se dizem intelectuais ainda possuem introjetados no inconsciente coletivo a ideia de que mulher negra não reflete e não sabe escrever. Me incomoda, me irrita muito mulheres negras com poder na comunicação não fortalecer as mulheres negras. (Rufino, 2010, p. 18)

Na obra *Eu, mulher negra, resisto*, objeto deste artigo, Alzira Rufino expressa sua concepção de raça, classe, gênero e sexualidade, conseqüentemente nos leva a análise da identidade e da representação do sujeito negro feminino na obra. Ademais, Gonzalez (1988, p. 67) afirma: “a poeta tem uma singular inquietude capaz de operar, por meio da arte, o enfrentamento ao racismo, ao sexismo e ao patriarcalismo”. Nessa intenção, a autora utiliza a literatura como meio de significação da mulher preta em todo o conteúdo social e político expresso em seus poemas, a exemplo, do poema a seguir:

Boletim de Ocorrência

Mulher negra,
Não para
Por essa coisa bruta
Por essa discriminação morna,
Tua força ainda é segredo,
mostra tua fala nos poros
O grito ecoará na cidade,
Capinam como mato venenoso
a tua dignidade, [...]
Tua negritude incomoda
Teu redemoinho de forças afoga
Não querem a tua presença
Riscam teu nome com ausência.
Mulher negra, chega
Mulher negra, seja
Mulher negra veja
Depois do temporal.
[...]
Transpiro a liberdade.
(Rufino, 1988, p. 19)

De acordo com Cuti (2010, p. 56), dizer-se *negro*, além de desdizer o que foi dito, é um dizer-se “Sou humano”. Assim, Alzira Rufino, respaldada pela força de sua representação por meio do poema conclama a mulher negra para sua fala, e para que esta fala negra não continue a ser um segredo, um silêncio. A autora compreende que sua fala erguida tem poder e que seu grito pode ecoar todos os lugares de sua existência.

Para bell hooks (2019, p. 39), “esse ato de fala, de erguer a voz, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta”.

De modo que, a libertação que Alzira Rufino expressa em seus discursos a apropriação de uma identidade negada ao povo negro, em especial à mulher negra, que no entendimento sobre sua escrita afirma o direito de representação. E nesse sentido, hooks (2019, p. 49), torna a dizer: “a apropriação da voz marginal ameaça a essência da autodeterminação e da livre expressão de si de pessoas exploradas e oprimidas”.

É mais evidente que o campo da representação permanece um lugar de luta quando examinamos criticamente as representações da negritude das pessoas [...] É difícil falar quando não há ninguém ouvindo, quando você sente que há um jargão ou narrativa especial que apenas os escolhidos conseguem entender. [...] Dado o contexto da exploração e dominação racista e sexista, foi apenas através da resistência, da luta, e do olhar contra a maré que as mulheres negras foram capazes de valorizar o suficiente o seu próprio olhar para si, e nomeá-lo publicamente. (hooks, 2019, p. 226)

No entendimento de Rufino (2010), a escrita não é, portanto, a explicação da condição da mulher negra, das dificuldades, dos problemas existenciais, mas experiência revelada que manifesta na poesia a radicalização da fala contra a dominação e suas várias facetas discriminatórias. A resistência contra a dominação exercida pelos colonizadores é o caminho para a recuperação da subjetividade e da identidade dos povos oprimidos.

Nessa mesma senda, Lugones (2007, p. 188) esclarece:

Rufino retrata mulheres a partir do chão, nos mais diferentes lugares que a vida a levou. Ela intitula seu livro de 1988 *Eu, Mulher Negra, Resisto*. O título por si antecipa uma boa porção do que é encontrado em sua poesia, que poderia ser interpretada como uma tradução estética de sua vida.

Acompanhando o pensamento de Collins (2002, p. 32), “falar a partir das mulheres é uma premissa importante na ótica do feminismo negro”. Uma vez que, neste estudo, a poesia de Alzira Rufino é toda permeada pela construção feminista na busca de apropriação da identidade, incorporada à representação como elemento do poder. Nesse sentido, hooks (2019, p. 227) acrescenta: “não há lugar fora do poder”.

A identidade é, portanto, segundo Hall (2000, p. 16), “um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto”. A luta de mulheres negras durante a história mostra que, desde muito tempo, as mulheres negras vêm lutando para serem sujeitos políticos e produzindo discursos contra hegemônicos (Ribeiro, 2019, p. 21).

Diante o exposto, nas palavras de Eduardo de Assis Duarte (2009, p. 88), que escreveu *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade* “a escrita da mulher negra é construtora de pontes, a palavra é por ela

utilizada como ferramenta estética e de fruição, de auto-conhecimento e de alavanca do mundo”.

Assim, mais do que compartilhar experiências baseadas na escravidão, racismo e colonialismo, essas mulheres partilham processos de resistências. Ao reivindicar os diferentes pontos de análise e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica. (Ribeiro, 2019, p. 61-62)

Na busca de demarcar para as mulheres negras esses espaços de fala e representação, Alzira Rufino propõe recuperar espaços de vozes silenciadas por meio de um feminismo identitário, onde a mulher negra questione o porquê de seus medos, de sua mudez e do seu *ser* subalterno. A autora, dessa forma, assume uma escrita e uma identidade consciente de suas origens e de seu passado histórico, lutando, para modificá-lo. Nessa obra, especificamente, a autora se assenhora-se de seus valores e de sua subjetividade. Para Gonzalez (1988, p. 11), “os versos de Alzira Rufino parecem ter a estranha capacidade de nos transportar para onde eles estão, ou para onde ela estava no momento em que os gerou”.

[...] Mulher negra, chega
Mulher negra, seja
Mulher negra veja
Depois do temporal.
[...] Transpiro a liberdade.
(Rufino, 1988, p. 19)

No excerto acima, Rufino extrapola a revolta do silenciamento, deixando clara sua intenção de enfrentar, de não mais aceitar a mordaca colonial, capitalista, racista que oprime o gênero e a raça de sua ancestralidade por uma vida inteira. Dizendo: chega/seja/veja/, enxerga depois do temporal, mulher negra. Nesses versos, a representação da autora grita sem reservas, sem medo, sem limitação. A identidade, nesse sentido, acontece no prazer de transpirar liberdade.

Nesse mesmo posicionamento, bell hooks (2019) acrescenta:

Que possamos, enquanto mulheres negras brasileiras, falar e erguer nossas vozes contra a opressão e exclusão machista, contra o patriarcado e contra todas as formas de opressão e exclusão racista da supremacia branca. Que possamos juntas a partir da palavra, a partir das vozes de nossas ancestrais revolucionar nossos mundos, pois a palavra é força e resistência. Ergamos nossas vozes. (hooks, 2019, p. 164)

Alzira Rufino, dessa maneira, tem na linguagem poética a significação de sua luta para reescrever e recuperar o espaço de representação da mulher negra, para que assim, ela possa, através da fala e da palavra escrita afirmar sua identidade e ocupar seu espaço de representação, tanto na literatura quanto no social, político e econômico.

O discurso da autora é também uma escrita de si, em que a poeta, escritora utiliza suas subjetividades para representar as muitas mulheres negras subalternizadas e desconstruídas pelo capital colonialista que ainda se sobrepõe no imaginário nacional.

Nesse contexto, é importante ressaltar que Alzira Rufino, ao escrever, adorna ao seu corpus de mulher negra muito fortemente marcado na escrita, sobretudo as suas vivências constituídas no combate constante, não se restringe à esfera social, uma vez que sua obra também se empenha em desafiar a hierarquia do autoritarismo discriminador da historiografia oficial.

A literatura é, dessa forma, o caminho de luta e reverberação para a autora. Conforme Oliveira (2015, p. 30),

A Literatura pode ser uma forma de confissão, um meio de expressar histórias, as quais, ainda que nunca possam ocorrer de verdade, vivem livres no imaginário de seus autores. A Literatura, assim como as outras artes representa a fala do artista, nela, ele revela ao mundo o que estava somente dentro de si, mas que também pertence aos outros.

Sob a dimensão feminina, este estudo ocupou-se de entender a poesia de Alzira Rufino numa escrita que nomeia sua identidade diante de um ciclo opressor político e social, fazendo de sua capacidade de escrever a arma mais forte do seu combate. Além de que, hooks (2019, p. 20) afirma: “escrever é uma maneira de agarrar a fala e mantê-la por perto”. Assim, a autora se apropriando da fala por meio dos discursos contundentes operan-

do e rompendo com um regime opressor que por muito tempo desfigurou e desqualificou a mulher negra na história e também na literatura.

Referências

BHABHA, H. K. A questão do “outro”: diferença, discriminação e discurso do colonialismo. Tradução: Francisco Caetano Lopes Júnior. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, p. 177-203.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. p. 171-193.

COLLINS, P. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução: Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2002.

CUTI, L. S. *Literatura negro-brasileira: consciência em debate*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, R. “Por que precisamos de escritoras negras e escritores negros?”. In: SILVA, C. da (org). *Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014. p. 66-69.

DEL PRIORE, M. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

DUARTE, E. de A. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 63-78, 2 sem. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4368>. Acesso em: 22 jan. 2024.

DUARTE, E. de A. (coord). *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*. v. 1. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 22 jan. 2024.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro. Editora Marco Zero, 1988.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução: Adelaine la Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2000.

hooks, b. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução: Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

LUGONES, M. Heterosexuality and the Colonial/Modern Gender System. *Hypatia*, v. 22, n. 1, 2007, p. 186-209. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4251730/mod_resource/content/0/heterosexuality%20and%20the%20colonial%20modern%20gender%20system%20maria%20lugones.pdf. Acesso em: 22 jan. 2024.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global Editora, 2006.

OLIVEIRA, D. da S. de. O papel da memória na formação da identidade cultural: diálogos entre possibilidade de leitura. Dissertação (Programa de mestrado profissional em ensino de ciências humanas, sociais e da natureza) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2015, 135 p. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2154/3/LD_PPGEN_M_Oliveira%20C%20Denise%20da%20Silva%20de_2015.pdf. Acesso em: 22 jan. 2024.

PAZ, O. *O arco e a lira*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

RUFINO, A. *Eu, mulher negra, resisto*. Santos: Edição da autora, 1988.

RUFINO, A. *Bolsa poética*. Santos: Demar, 2010.

SARTRE, J-P. *Que é a literatura?* Tradução: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.